

# Cadernos Teologia Pública



## Igreja em saída para as periferias sociais e existenciais O problema espiritual da missão

Rogério L. Zanini

ISSN 1807-0590 (impresso) • ISSN 2446-7650 (Online)  
ano XVII • número 151 • volume 18 • 2021

INSTITUTO  
HUMANITAS  
UNISINOS



UNISINOS

## **Igreja em saída para as periferias sociais e existenciais**

### **O problema espiritual da missão**

#### **Resumo**

A Igreja em saída é o paradigma eclesiológico proposto pelo Papa Francisco. A missão é a própria identidade da Igreja, porque existe para evangelizar. No entanto, na prática a Igreja em saída encontra muitos recuos e a causa é espiritual. O problema espiritual se revela na experiência dicotômica do espiritual e/ou material no anúncio e na vivência do Reino de Deus. Para responder a esta questão, buscar-se-á, primeiro compreender a dimensão integral do cristianismo; em segundo lugar, explicitar o sentido espiritual do Evangelho; e, terceiro e último, propor a opção pelos pobres e vulneráveis como um itinerário salvífico.

**Palavras-chave:** Papa Francisco; Igreja; Missão; Opção pelos pobres.

#### **Abstract**

A Church which goes forth is the ecclesiological paradigm proposed by Pope Francis. The mission is the very identity of the Church, because it exists to evangelize. However, in practice the Church which goes forth finds many setbacks and the cause is spiritual. The spiritual problem is revealed in the dichotomous experience of the spiritual and / or material in the announcement and in the experience of the Kingdom of God. To answer this question, we will search, first, to understand the integral dimension of Christianity, secondly, to explain the spiritual meaning of the Gospel, and, third and last, to propose the option for the poor and vulnerable as a salvific itinerary.

**Keywords:** Pope Francis; Church; Mission; Option for the poor.

# **Igreja em saída para as periferias sociais e existenciais O problema espiritual da missão**

**Rogério L. Zanini**

Doutor em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul - PUC RS

**Cadernos Teologia Pública** é uma publicação impressa e digital quinzenal do **Instituto Humanitas Unisinos – IHU**, que busca ser uma contribuição para a relevância pública da teologia na universidade e na sociedade. A teologia pública pretende articular a reflexão teológica e a participação ativa nos debates que se desdobram na esfera pública da sociedade nas ciências, culturas e religiões, de modo interdisciplinar e transdisciplinar. Os desafios da vida social, política, econômica e cultural da sociedade, hoje, constituem o horizonte da teologia pública.

#### UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS – UNISINOS

**Reitor:** *Marcelo Fernandes de Aquino, SJ*

**Vice-reitor:** *Pedro Gilberto Gomes, SJ*

#### Instituto Humanitas Unisinos

**Diretor:** *Inácio Neutzling, SJ*

**Diretor Adjunto:** *Lucas Henrique da Luz*

**Gerente administrativo:** *Nestor Pilz*

[www.ihu.unisinos.br](http://www.ihu.unisinos.br)

#### Cadernos Teologia Pública

Ano XVII – Vol. 18 – Nº 151 – 2021

ISSN 1807-0590 (impresso)

ISSN 2446-7650 (Online)

**Editor:** Prof. Dr. Inácio Neutzling

**Conselho editorial:** MS Ana Maria Casarotti; Profa. Dra. Cleusa Maria Andreatta; Bel Guilherme Tenher Rodrigues; Profa. Dra. Susana Rocca.

**Conselho científico:** Profa. Dra. Ana Maria Formoso, Pontifícia Universidad Católica de Valparaíso, doutora em Educação; Prof. Dr. Christoph Theobald, Faculdade Jesuíta de Paris-Centre Sèvres, doutor em Teologia; Prof. Dr. Faustino Teixeira, UFJF-MG, doutor em Teologia; Prof. Dr. Felix Wilfred, Universidade de Madras, Índia, doutor em Teologia; Prof. Dr. Jose Maria Vigil, Associação Ecumênica de Teólogos do Terceiro Mundo, Panamá, doutor em Educação; Prof. Dr. José Roque Junges, SJ, Unisinos, doutor em Teologia; Prof. Dr. Luiz Carlos Susin, PU-CRS, doutor em Teologia; Profa. Dra. Maria Inês de Castro Millen, CES/ITASA-MG, doutora em Teologia; Prof. Dr. Peter Phan, Universidade Georgetown, Estados Unidos da América, doutor em Teologia; Prof. Dr. Rudolf Eduard von Sinner, ESTRS, doutor em Teologia.

**Responsáveis técnicos:** Profa. Dra. Cleusa Maria Andreatta; Bel Guilherme Tenher Rodrigues.

**Revisão:** Carla Bigliardi

**Imagem da capa:** Patrícia Kunrath Silva

**Editoração:** Ricardo Machado e Guilherme Tenher Rodrigues

**Tradução:** Isaque Gomes Correa

Cadernos teologia pública / Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Instituto Humanitas Unisinos. – Ano 1, n. 1 (2004) – São Leopoldo: Universidade do Vale do Rio dos Sinos, 2004. – v.

Irregular, 2004-2013; Quinzenal (durante o ano letivo), 2014.

Publicado também on-line: <<http://www.ihu.unisinos.br/cadernos-ihu-teologia>>.

Descrição baseada em: Ano 11, n. 84 (2014); última edição consultada: Ano 11, n. 83 (2014). ISSN 1807-0590

1. Teologia 2. Religião. I. Universidade do Vale do Rio dos Sinos. Instituto Humanitas Unisinos.

CDU 2

Bibliotecária responsável: Carla Maria Goulart de Moraes – CRB 10/1252

Solicita-se permuta/Exchange desired.

As posições expressas nos textos assinados são de responsabilidade exclusiva dos autores.

Toda a correspondência deve ser dirigida à Comissão Editorial dos Cadernos Teologia Pública: Programa Publicações, Instituto Humanitas Unisinos – IHU  
Universidade do Vale do Rio dos Sinos – Unisinos  
Av. Unisinos, 950, 93022-750, São Leopoldo RS Brasil  
Tel.: 51.3590 8213 – Fax: 51.3590 8467  
Email: [humanitas@unisinos.br](mailto:humanitas@unisinos.br)

# **Igreja em saída para as periferias sociais e existenciais**

## **O problema espiritual da missão**

Rogério L. Zanini

Doutor em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul - PUC RS

### **Introdução**

Evangelizar constitui-se em um desafio permanente na missão cristã. Como os discípulos no meio do mar agitado, assim parece se configurar a vida da Igreja nos tempos hodiernos. Como naquele momento dos discípulos, a Igreja também sabe que é sacudida pelas correntezas do mundo globalizado, da cultura da indiferença, do individualismo exacerbado, da crise dos valores cristãos. No entanto, a Igreja também tem consciência de que no grito dos discípulos diante do mar revolto está a presença do Cristo vivo, dissipando o medo e refazendo a fé para perseverar na travessia da história (Mc 4,35-41).

O Papa Francisco vem insistindo na necessidade de voltar-se para Jesus. “A Alegria do Evangelho enche o coração e a vida inteira daqueles que se encontram com Jesus. (...). Com Jesus Cristo, renasce sem cessar a alegria” (EG 1). O encontro com o Senhor provoca paixão pela vida do outro e, portanto, conduz à missão. “A vida se alcança e amadurece à medida que é entregue para dar vida aos outros” (EG 10). E isso é para Francisco o conceito de missão:

comunicar vida, isto é, “definitivamente, a missão” (EG 10; DA 360).

Dar vida às pessoas se constitui na razão da missão, questão que pode ser vista de maneira simples, porque está ao alcance de todas as pessoas de boa vontade. A vida tem uma dimensão complexa, pois foi justamente por causa da vida em abundância para todas as pessoas que Jesus foi assassinado na cruz. Papa Francisco na *Evangelii Gaudium* convoca a ir para os espaços públicos, a rejeitar as tentativas de privatização da religião, a afastar-se de formas devocionais de matriz individualista (EG 70) e a superar a mentalidade assistencialista (EG 204). A razão disto está em que “evangelizar é tornar o Reino de Deus presente no mundo” (EG 176), Reino que abraça “a vida concreta, pessoal e social, dos homens [humanos]” (EG 181).

É no bojo das implicações do paradigma missionário e das dificuldades da Igreja em assumi-lo que se desenvolve esta reflexão. A questão de fundo é verificar por que o envio missionário de Jesus (Mt 28,19) bem como todo o esforço testemunhado pelo Papa Francisco não são assumidos definitivamente. Por que a Igreja não sai? A hipótese de trabalho é a convicção de que a Igreja não sai porque compreende a evangelização como um

estilo de vida enraizado na dicotomia existente entre o espiritual e o material. Estilo fabricado, uma vez que a proposta cristã abarca a totalidade da existência humana e suas estruturas sociais, políticas, econômicas, culturais... A reflexão dos Bispos em Aparecida, retomada nas atuais diretrizes da Igreja no Brasil, diz que “a vida nova de Jesus Cristo atinge o ser humano inteiro e desenvolve em plenitude a existência humana ‘em sua dimensão pessoal, familiar, social e cultural’” (DA 356; DGAE 18); caminho aberto pelo Concílio, quando afirma, a partir da *Gaudium et Spes*, que nada do que é humano é estranho a Deus. Para Paulo VI, só conhece a Deus, quem conhece o ser humano e só conhece o ser humano, quem conhece a Deus<sup>1</sup>. “O nosso humanismo muda-se em cristianismo, e o nosso cristianismo faz-se teocêntrico, de tal modo que podemos afirmar: para conhecer a Deus, é necessário conhecer o homem”<sup>2</sup>.

1 BRIGHENTI, Agenor. Teología de la liberación. Características de una teología plural en movimiento. In: AQUINO, Francisco Júnior; CÉSPEDES, Geraldina; ORTIZ COTTE, Alejandro (org.). LA FUERZA DE LOS PEQUEÑOS. p. 138.

2 Papa Paulo VI na última sessão pública do Concílio Vaticano II. Disponível em: [http://www.vatican.va/content/paul-vi/pt/speeches/1965/documents/hf\\_p-vi\\_spe\\_19651207\\_epilogo-concilio.html](http://www.vatican.va/content/paul-vi/pt/speeches/1965/documents/hf_p-vi_spe_19651207_epilogo-concilio.html). Acesso em 25 de dezembro de 2020.

Para responder esta questão central, buscar-se-á, em primeiro lugar, compreender a dimensão integral do cristianismo e que a fé não é um apêndice da vida cristã. A vida de oração, a contemplação, a eucaristia, a meditação da Palavra de Deus, aliados, conjuntamente, ligados ao compromisso social e atuação política são dimensões irrenunciáveis dentro do seguimento de Jesus. É deste núcleo que nasce uma segunda questão importante, e esta reflexão deseja apontar princípios para solução: o espiritual do Evangelho é material. Esta é uma questão nem sempre bem articulada na teologia. Consequentemente produz sérios problemas na espiritualidade e na eclesiologia. O Evangelho, pensado a partir da prática de Jesus, comporta sempre uma dimensão espiritual que se encarna no material. No seguimento de Jesus, quanto mais espiritual, mais material, no sentido que a salvação escatológica sempre implica concretude histórica (EG 181). Em terceiro lugar, vencendo os dualismos e suas possíveis polarizações espiritual e material, possibilita avançar na perspectiva de propor a opção pelos pobres e vulneráveis como um itinerário salvífico.

## **A Igreja em saída: dificuldade espiritual**

É da identidade da Igreja a missionariedade, porque tem sua razão de existir Naquele Deus Trindade que é fonte de amor sempre em saída de si para outro. A pergunta de fundo que surge é por que a Igreja não sai, ou tem dificuldades de assumir sua identidade missionária? Nas palavras de Francisco, embora a missão exija uma entrega generosa, “seria um erro considerá-la como uma heroica tarefa pessoal, dado que ela é, primariamente e acima de tudo o que possamos sondar e compreender, obra de Deus. Jesus é o primeiro e o maior evangelizador” (EG 12). O primado é sempre de Deus que chama as pessoas para “cooperar com Ele e impelir-nos com a força do seu Espírito” (EG 12).

Neste sentido, o mais fundamental para a Igreja é que Deus amor fontal não somente envia, mas se envia na pessoa do Filho e na presença atuante do Espírito Santo na história para fazer novas todas as coisas. A encarnação do mistério na situação concreta e o responsabilizar-se pela realidade foi, segundo o teólogo Pedro Trigo, o mais medular aporte do Concílio Vaticano II (1965). Seguindo o mesmo impulso trinitário, que se fez Uno na humanidade para salvar desde dentro e desde baixo, fazendo-se um

de nós e levando-nos em seu coração. A encarnação foi o sublime e o sinal do Concílio<sup>3</sup>.

É com esta base teológica que o Papa Francisco fala, sem problema, da Igreja em saída como paradigma da evangelização. “Na Palavra de Deus, aparece constantemente este dinamismo de ‘saída’, que Deus quer provocar nos crentes. (...). Naquele ‘ide’ de Jesus, estão presentes os cenários e os desafios sempre novos da missão evangelizadora da Igreja, e hoje todos somos chamados a esta nova ‘saída’ missionária” (EG 20).

A Igreja em saída exige conversão e se constitui, conforme o teólogo leigo Cesar Kuzma, a eclesiologia do Papa Francisco. Em uma única frase, este teólogo defende que a “Igreja em saída” é a eclesiologia, conforme insistiu na *Evangelii Gaudium*. Aprofundando esta perspectiva o teólogo acrescenta, considerando o testemunho e a práxis de Francisco: “uma Igreja em saída, na ousadia, no seguimento e na misericórdia”<sup>4</sup>.

3 TRIGO, Pedro. La densidad teológica de los procesos sociales. In: AQUINO, Francisco Júnior; CÉSPEDES, Geraldina; ORTIZ COTTE, Alejandro (org.). LA FUERZA DE LOS PEQUEÑOS. p. 42-43.

4 KUZMA, Cesar. Missão e identidade do Povo de Deus: uma Igreja em saída e chamada ao reino. Concilium, n. 376 (2018/3). p. 35.

A Igreja em saída, apesar das diferentes motivações, seja por parte do Magistério da Igreja, bem como por parte das reflexões teológicas, na prática continua encontrando muita resistência. Qual seria o núcleo do problema? Por que a Igreja não sai? Trata-se de uma questão complexa e nem sempre as avaliações são unânimes entre os analistas e teólogos. Há os que imaginam esta dificuldade fruto de uma experiência religiosa que não descobriu a incumbência do chamado batismal ao seguimento de Jesus. O próprio Papa Francisco chama a atenção para o verdadeiro sentido missionário, que não se resume numa “transmissão desarticulada de uma imensidade de doutrinas que se tentam impor à força” (EG 35), criando separação entre os “eleitos e os não eleitos”. Para José Comblin, se no início do cristianismo, evangelizar era despertar para a liberdade e passar a pensar livremente, com o decorrer do tempo, paradoxalmente, evangelizar significou impor um sistema de pensamento feito, isto é, doutrinariamente sistematizado<sup>5</sup>.

Outros alegam o déficit da iniciação à vida cristã que fez dos católicos um rebanho de pessoas seguidoras de uma doutrina sem possibilitar um encontro transfor-

5 COMBLIN, José. Povo de Deus. p. 222.

mador com a pessoa de Jesus Cristo. Este caminho imprimiu a compreensão da fé fixada em uma ideia ou doutrina, sem a capacidade de tornar os cristãos missionários. Desde quando a Igreja assumiu as categorias imperiais até tornar-se o que é hoje, precisou fazer uma opção: pôr o essencial da fé cristã em segundo plano e priorizar o fortalecimento de suas estruturas eclesiais. Por isso, em vez de Evangelho, deu ao povo doutrina; em vez de fé, deu-lhe conceitos; em vez do querigma, deu-lhe dogmas; em vez do compromisso com o Reino, acomodou-o debaixo dos seus preceitos. De tudo isso, o que restou foi um cristianismo frágil e descomprometido com a causa do evangelho, pois, nesse modelo eclesial, o que definia um cristão católico não era a prática concreta dos ensinamentos de Jesus, à luz do evangelho, mas “considerava-se católico quem professava visivelmente a fé, era validamente batizado, aceitava os sacramentos e vivia sob o governo do Romano Pontífice, como vigário de Cristo na terra”<sup>6</sup>. Esta percepção já não responde à evangelização nos tempos atuais. Basta retomar as muitas vezes citadas palavras do Papa Bento XVI, quando afirma: “ao início

6 LIBANIO, João B. Concílio Vaticano II: em busca de uma primeira compreensão. p. 16.

do ser cristão, não há uma decisão ética ou uma grande ideia, mas o encontro com um acontecimento, com uma Pessoa que dá à vida um novo horizonte e, desta forma, o rumo decisivo”<sup>7</sup>.

As causas podem ser muitas e têm suas explicações na história do cristianismo. A reflexão proposta parte do pressuposto ou da suspeita de que os cristãos provocaram uma confusão/cisão entre o material e o espiritual. O que conta como elemento salvífico é o material ou o espiritual na vida cristã? A própria questão, ao ser colocada desta forma, revela uma polaridade incongruente com a perspectiva cristã. Em outros termos se criou uma dicotomia no universo cristão que distorceu a realidade integradora existente entre espiritual e o material.

Partindo das dicotomias sempre se suprime um dos polos para realçar o outro, conseqüentemente. O assim na terra, ou o como no céu. Os frutos amargos deste problema se explicitam na forma de compreender a missão cristã, propriamente a missionariedade da Igreja. Realidade que desencadeia uma evangelização autorreferencial, uma missão centrada em si mesma sem necessidade de encontrar-se com o caído na margem. Esta com-

7 Carta enc. Deus caritas est. n. 1.

preensão gera uma esquizofrenia espiritual, incorporando categorias abstratas, como medo dos pobres e longe da lama e dos ferimentos das pessoas. O Papa Francisco, ao contrário, é claro: “Prefiro uma Igreja acidentada, ferida e enlameada por ter saído pelas estradas, a uma Igreja enferma pelo fechamento e a comodidade de se agarrar às próprias seguranças. Não quero uma Igreja preocupada com ser o centro...” (EG 24).

Uma vez que se compreende Deus a partir da revelação cristã se percebe sua total realidade espiritual, porque ninguém duvida e nem discorda que Deus é espiritual. Também que sua presença se faz atuante na história, como realidade sensível e concreta, tal como foi testemunhada por Jesus, perante a dúvida de João Batista: “os cegos recuperam a vista, os paralíticos andam, os leprosos são purificados, os surdos ouvem, os mortos ressuscitam, e a boa nova é anunciada aos pobres. E feliz é aquele que não se escandaliza por causa de mim!” (Lc 7,22-23).

Este escândalo não foi eliminado de uma vez por todas na vida de muitos batizados e inclusive atinge pessoas que ocupam as cúpulas eclesiais. Para todos parece não haver dúvida de que Deus continua se manifestando e empurrando a história rumo à vida em abundância para

todos/as. Um Deus que atua no seio da humanidade, se concretiza no banquete eucarístico, sente fome e sede de justiça, é rico em misericórdia e não sente prazer no mal e nas injustiças.

Esta convicção com seus altos e baixos que sempre se faz realidade na história bíblica, nunca se perdeu ao longo do cristianismo e voltou a ganhar cidadania com o Concílio Vaticano II (1965), quando, brilhantemente, assegurou:

as alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias dos homens de hoje, sobretudo dos pobres e de todos aqueles que sofrem, são também as alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias dos discípulos de Cristo; e não há realidade alguma verdadeiramente humana que não encontre eco no seu coração (GS 1).

Na Encíclica Fratelli Tutti, o Papa Francisco retoma este número da *Gaudium et Spes*, justamente antes de narrar a parábola do Samaritano, com o objetivo de interpelar os cristãos e outras pessoas, independente da convicção religiosa, a deixar-se interpelar pelo espírito incisivo da narrativa. “Com efeito, apesar desta encíclica se dirigir a todas as pessoas de boa vontade, independentemente das suas convicções religiosas, a parábola em

questão é expressa de tal maneira que qualquer um de nós pode deixar-se interpelar por ela” (FT 56).

No decorrer de sua reflexão, referindo-se a esta parábola, o Papa Francisco coloca a questão central e determinante do ponto de vista cristão. Por um lado, referindo-se aos personagens diz: “todos temos algo do ferido, do salteador, daqueles que passam ao largo e do bom samaritano” (FT 69). Por outro lado, “digno de nota é o fato de as diferenças entre as personagens na parábola ficarem completamente transformadas ao confrontar-se com a dolorosa aparição do caído, do humilhado” (FT 70). E de forma clara pede um posicionamento sem escapatória.

Existem simplesmente dois tipos de pessoas: aquelas que cuidam do sofrimento e aquelas que passam ao largo; aquelas que se debruçam sobre o caído e o reconhecem necessitado de ajuda e aquelas que olham distraídas e aceleram o passo. De facto, caem as nossas múltiplas máscaras, os nossos rótulos e os nossos disfarces: é a hora da verdade. Debruçar-nos-emos para tocar e cuidar das feridas dos outros? Abaixar-nos-emos para levar às costas o outro? Este é o desafio atual, de que não devemos ter medo. Nos momentos de crise, a opção torna-se premente: poderíamos dizer que, neste momento, quem não é salteador e quem não passa ao largo, ou está ferido ou carrega aos ombros algum ferido (FT 70).

Pensando nestas palavras de Francisco, como discernimento evangélico para a Igreja em saída missionária, se pode considerar, ao menos, duas questões importantes. Uma, a dimensão missionária própria da identidade da Igreja. A Igreja é para a missão, assim como o líquido é para o copo. Desta forma, a Igreja não faz missão, porque ela é missão enquanto realidade constitutiva do amor Trinitário. É a missão que julga o ser da Igreja e sempre a partir do mandato missionário. Outra, é a prioridade dada pelo Pontífice quanto à direção e às decisões no caminho. Não basta sair com o perigo de correr em vão, sem coerência com a fidelidade ao Evangelho. Pensar em uma Igreja em saída leva a algumas inquietações e indagações, segundo o teólogo Cesar Kuzma: “qual a razão desta saída? Para onde, para quem, por que e por quem saímos?... O que chama, desde fora? E o que nos impulsiona, a partir de dentro?”<sup>8</sup>

A missão exige um contemplar o mundo com os olhos de Deus, o que não impede ou, muito menos, provoca desvio sobre as sombras do mundo, como bem explicitou o Papa na sua Encíclica sobre a fraternidade e

8 KUZMA, Cesar. Missão e identidade do Povo de Deus: uma Igreja em saída e chamada ao reino. Concilium, n. 376 (2018/3). p. 35.

a amizade universal. É enfrentando as sombras e diante dos males que a fé ganha credibilidade e coerência com o Espírito de Cristo. “Vimos avançar no mundo as sombras densas do abandono, da violência usada para mesquinhos interesses de poder, acúmulo e repartição” (FT 72).

Sem grandes esforços se percebe em todo o pensamento de Francisco uma coerência tanto em relação ao testemunho de vida, central no anúncio cristão, como em seus discursos e textos, a relação entre a fé processada e a fé feita carne e osso na realidade. Ao se referir ao caminho da santidade lembra que Jesus vislumbra dois rostos: o do Pai e o do irmão. “Não nos dá mais duas fórmulas ou dois preceitos; entrega-nos dois rostos, ou melhor, um só: o de Deus que se reflete em muitos, porque em cada irmão, especialmente no mais pequeno, frágil, inerme e necessitado, está presente a própria imagem de Deus” (GE 61).

Esta intrínseca ligação do Senhor com o próximo, tão difícil na articulação cristã, ganha densidade teológica com Francisco. Na verdade, é uma perspectiva que, apesar dos males históricos e atuais, sempre foi defendida por teólogos e batizados comprometidos com os valores do Reino. O cristianismo é antes que uma religião, um estilo de vida, um modo de vida como foi para o próprio

Cristo. É da convicção do Pontífice que duas riquezas não desaparecem: “o Senhor e o próximo” (GE 61).

Outros teólogos, como, por exemplo, Claude Geffré, já traziam presente este caminho, na década de 70. “Esta experiência mística apresenta de maneira inseparável uma dupla dimensão de um mesmo acontecimento original. O encontro com a pessoa de Cristo e a experiência da presença de Cristo no irmão, especialmente no ‘mais pequeno’. O segundo encontro é o sacramento do primeiro”<sup>9</sup>. O teólogo Segundo Galilea também reconhecia que o encontro com Cristo sublinha que o cristianismo é transcendente a qualquer realidade temporal; mas o cristianismo é encarnado e inseparável do amor ao irmão. Ora, Cristo lembra o amor a Deus sobre todas as coisas, o irmão lembra o próximo como fusão na carne de Cristo. O primeiro encontro nasce da oração contemplativa e das diversas formas de relacionamento com Deus; o segundo deriva ou se prolonga do compromisso temporal como experiência cristã<sup>10</sup>.

9 GEFFRÉ, Claude. A comoção de uma teologia profética. Concilium, n. 10 (1974/6). p. 701.

10 GALILEA, Segundo. A libertação como encontro da política e da contemplação. Concilium, n. 10 (1974/6). p. 706-707.

O Papa Francisco, na encíclica *Fratelli Tutti*, apresenta o Samaritano como paradigma definitivo do Evangelho. Mais uma vez o peso não recai no testemunho do religioso presente na figura do Sacerdote e Levita, mas no Samaritano. No fundo, o próprio Francisco mostra a existência de um grave problema ou uma dicotomia entre as coisas de Deus e as feridas da humanidade.

Este é um problema antigo e que sempre ressurgue em diferentes contextos, muito particularmente diante de uma antropologia fragmentada, ou dicotômica na espiritualidade cristã. Antropologia que infelizmente impede uma compreensão da integralidade da pessoa humana, o que facilita para obscurecer a vida de carne e osso, preocupação central do cristianismo. Em sua Exortação sobre a santidade, Papa Francisco insiste sobremaneira na importância de afirmar a realidade da encarnação do Filho de Deus e assinala os perigos para a espiritualidade. “Concebem uma mente sem encarnação, incapaz de tocar a carne sofredora de Cristo nos outros, engessada numa enciclopédia de abstrações. Ao desencarnar o mistério, em última análise preferem ‘um Deus sem Cristo, um Cristo sem Igreja, uma Igreja sem povo’” (GE 37).

A partir da experiência da América Latina, Gustavo Gutiérrez lembra que “o compromisso libertador signi-

fica para muitos cristãos uma autêntica experiência espiritual, no sentido original e bíblico do termo: um viver no Espírito que nos faz reconhecer-nos livres e criativamente filhos do Pai e irmãos dos homens [humanos]”<sup>11</sup>. Segundo Celso Pinto Carias, “o espiritual indica uma teologia como um discurso predominantemente calcado na experiência de fé cristã, e o da libertação as consequências de uma teologia enraizada no Mistério Pascal”<sup>12</sup>. Esta é uma experiência pouco experimentada pelos cristãos, porque pensam que as realidades de carne e osso ligadas à vida como a saúde, a fome, o trabalho... devem acontecer à margem da fé.

### O espiritual do Evangelho é material

Contra alguns que defendem um eclipse em relação ao Espírito Santo em vista de um cristomonismo exagerado na fé cristã, Jon Sobrino prefere analisar de outra forma, chamando atenção para o distanciamento em re-

11 GUTIÉRREZ, Gustavo. *Práxis de libertação. Teologia e anúncio. Concilium*, n. 10 (1974/6). p. 742.

12 CARIAS, Celso Pinto & CRUZ CARIAS, Aurelina de Jesus. *Outra teologia é possível, outra Igreja também*. p. 61.

lação a Jesus de Nazaré. Sobrino, no entanto, questiona e recoloca a importância de Jesus sem provocar prejuízo ao Espírito. O Espírito Santo continua, para este autor, sendo o pai dos pobres (*Veni pater pauperum*) configurando a opção pelos pobres como teocêntrica. A dimensão pneumatológica da opção pelos pobres foi também desenvolvida pelo teólogo Victor Codina<sup>13</sup>. As Escrituras testemunham que esse abaixamento para com os pobres e oprimidos da história é opção de Deus. Opção que configura o coração da Trindade, portanto, de uma opção teocêntrica: de Deus Pai (Ex 3,7-10; Mt 11,25-26), do Filho, Jesus de Nazaré (Lc 4,16-21), e do Espírito Santo, que envia Jesus para o meio dos pobres (Lc 4,18-19)<sup>14</sup>.

Uma vez que a Escritura embasa de forma radical e plena a opção pelos pobres, por que o cristianismo sofre historicamente para assumir esta opção? As causas são diversas, mas em síntese Sobrino destaca duas principais. As dificuldades são teóricas “por causa das hipotecas intelectuais, mais ou menos aburguesadas e pouco bíblicas” e as dificuldades práticas referentes às persegui-

ções, difamações, situações de abandono e ao martírio<sup>15</sup>. Significativamente o teólogo da Bélgica Michael Böhnke chama atenção para a redescoberta do Espírito pelos representantes da teologia da libertação e para isso cita Jon Sobrino e José Comblin. A reflexão da teologia da libertação considera a ação do Espírito como constitutiva para a prática da libertação. “O fato de voltar-se para a prática já deve ser compreendido como motivado pelo Espírito”<sup>16</sup> E, citando Sobrino, afirma Böhnke:

A simples decisão pela vida histórica já é manifestação do Espírito. Ademais, faz com que a vida histórica já não seja meramente histórica, mas, em certa medida, uma vida espiritual. Não nos esqueçamos de que, segundo a fé cristã, a vida é dada pelo Espírito e que este Espírito envia aqueles a quem ele interpela a anunciar a boa-nova aos pobres.<sup>17</sup>

Muito de acordo com a preocupação da primeira hora da teologia latino-americana que se perguntava para qual mundo o Concílio estava sinalizando, o Papa Francisco tem deixado claro que o endereço primeiro são os pobres. O mundo, neste caso, continua sendo a re-

13 CODINA, Victor. O Espírito do Senhor. p. 210.

14 GUTIÉRREZ, Gustavo. Pobres y opción fundamental. In: ELLACURÍA, I.; SOBRINO, J. (org.) *Mysterium liberationis*. v. 1. p. 309-310.

15 SOBRINO, Jon. *Fora dos pobres não há salvação*. p. 135.

16 BÖHNKE, Michael. *O Espírito de Deus na ação humana*. p. 167.

17 BÖHNKE, Michael. *O Espírito de Deus na ação humana*. p. 167.

alidade clamorosa criticada e assumida pelas Conferências de Medellín, Puebla e Aparecida. Estas Conferências desencadearam um movimento em direção ao lugar dos pobres na missão da Igreja. Em formulação certa, já se perguntava Gustavo Gutiérrez: “Onde dormirão os pobres?”

Como dizer aos pobres que Deus ama, quando sua vida de marginalização e esquecimento parece negar essa afirmação? De que maneira falar de um Deus que se revela como amor em uma realidade marcada pela pobreza e pela opressão? Como anunciar o Deus da vida a pessoas que sofrem uma morte prematura e injusta? Como reconhecer o dom gratuito de seu amor e de sua justiça a partir do sofrimento do inocente? Com que linguagem dizer aos que não são considerados pessoas que eles são filhas e filhos de Deus?<sup>18</sup>

O teólogo Jon Sobrino, muito de acordo com Gutiérrez, tem impactado pela preocupação com o mundo dos pobres. Mais do que se perguntar sobre onde dormirão os pobres, levanta a questão mais escandalosa no seio do cristianismo: o que trazem de salvação, uma vez que são a carne de Cristo na história? Se são sacramentos

18 GUTIÉRREZ, Gustavo. A teologia latino-americana – Trajetória e perspectivas. In: BRIGHENTI, Agenor; HERMANO, Rosario (org.). Teologia da libertação em prospectiva. p. 210-211.

– presença visível do invisível, em que sentido os pobres são realidades salvíficas?

Passando em revista o pensamento teológico em Jon Sobrino, percebe-se que é um dos teólogos que nunca se distanciou da reflexão crítica e aprofundada do sentido teológico e das consequências eclesiais, políticas, sociais, econômicas da opção pelos pobres. Mais recentemente tem provocado para a pertinência da relação entre a opção pelos pobres e a salvação cristã. Com seu axioma paradigmático defende que “fora dos pobres não há salvação”, por acreditar que só existe salvação a partir de baixo da história, “que tantas vezes se ignora, não se compreende e se despreza”<sup>19</sup>.

Sobrino elabora esta perspectiva consciente da necessidade de uma nova lógica para compreender a salvação. Dizendo em forma de pergunta: Do mundo dos pobres e das vítimas pode vir cura para uma civilização gravemente enferma? Se a salvação faz parte do mistério de Deus, como os humanos se atrevem a dizer que a salvação dar-se-ia, em absoluto, através dos pobres? Por esta questão se percebe a grandeza do problema e suas consequências para a fé cristã e o seguimento de Jesus. Esta

19 SOBRINO, Jon. Fora dos pobres não há salvação. p. 14.

questão aparece, de forma mais branda, nas Diretrizes da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil 2019-2023.

Evangelizar no Brasil cada vez mais urbano, pelo anúncio da Palavra de Deus formando discípulos e discípulas de Jesus Cristo, em comunidades eclesiais missionárias, à luz da evangélica opção preferencial pelos pobres, cuidando da Casa Comum e testemunhando o Reino de Deus rumo à plenitude<sup>20</sup>.

As diretrizes deixam atestado que a opção pelos pobres está inscrita junto aos objetivos da evangelização da Igreja. Evangelizar à luz da evangélica opção preferencial pelos pobres pode ser compreendido como prioridade, ou como coisa na evangelização. Que seja prioridade, ou preferencial na evangelização, significa que precisa estar no início, no meio e no fim das práticas eclesiais. Na linha do que assegurou a Conferência de Aparecida: “que seja preferencial implica que deva atravessar todas as nossas estruturas e prioridades pastorais. A Igreja latino-americana é chamada a ser sacramento de amor, solidariedade e justiça entre nossos povos” (DA 396).

A identidade cristã, portanto, entendida como filiação divina e participação na vida trinitária, que deriva do

mistério Pascal de Cristo, assume, na prática, as feições da fraternidade, a ser construída a partir dos pobres. O Papa Francisco, procurando enfatizar a dignidade humana de todas as pessoas, denuncia, por exemplo, o desprezo contra os migrantes, por parte das elites, das autoridades governamentais dos países. Referindo-se aos migrantes lembra tristemente que “não são considerados suficientemente dignos de participar na vida social como os outros, esquecendo-se que têm a mesma dignidade intrínseca de toda e qualquer pessoa” (FT 39). E acrescenta:

Nunca se dirá que não sejam humanos, mas na prática, com as decisões e a maneira de os tratar, manifesta-se que são considerados menos valiosos, menos importantes, menos humanos. É inaceitável que os cristãos partilhem esta mentalidade e estas atitudes, fazendo às vezes prevalecer determinadas preferências políticas em vez das profundas convicções da sua própria fé: a dignidade inalienável de toda a pessoa humana, independentemente da sua origem, cor ou religião, e a lei suprema do amor fraterno (FT 39).

Por isso, a opção pelos pobres sempre permanece como a pedra de toque na fé cristã. Segundo o teólogo Jon Sobrino, os pobres têm recebido amplamente atenção no que fazer da teologia da libertação, mas nunca foi um tema essencial na teologia de modo geral. Se a irrup-

20 CNBB. Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil 2019-2023, p. 13.

ção dos pobres for elevada ao status teologal, não mais preferencial, ou apenas social-pastoral, as consequências não são somente para a eclesiologia, mas para todos os tratados da teologia: dogmática, teologia moral, história da igreja etc.

Há, pois, duas formas antagônicas de compreender a missão eclesial. Na esteira do Papa Francisco, caminhar na direção dos pobres, cuidando do sofrimento, porque afinal eles se constituem no centro da fé cristã é, portanto, a razão da existência da Igreja. Os pobres dão sentido à Igreja, ou seja, “Fora dos pobres não há Igreja”, “Fora dos pobres não há soteriologia cristã”, “Fora dos pobres não há Evangelho”. A outra, continuar insistindo que “fora dos pobres há Igreja, soteriologia cristã e Evangelho”, porque os pobres são um aspecto da missão da Igreja, mas não a configurando na sua existência, essência.

A opção pelos pobres, seguindo esse autor, formula uma eclesiologia em vista de uma fé anti-idolátrica. Uma fé que busca “reverter o rumo da história”, pois o pensamento hegemônico a partir de cima conduziu o mundo a um estágio de sociedade insuportável. O sistema capitalista sustentado pela economia de mercado “produziu

vencedores e perdedores, beneficiados e vítimas”<sup>21</sup>. A conclusão é que para “crer realmente no Deus do Reino é preciso ser ativamente ateu ao deus do Império, e a fé deve ser ativamente anti-idolátrica”<sup>22</sup>.

A fé cristã nasceu para estancar os sofrimentos e eliminar os ‘calvários da história’, não para justificar a dor e o sofrimento como vontade de Deus. Na avaliação de Metz “a doutrina cristã da salvação dramatizou a questão do pecado e negligenciou a questão do sofrimento”<sup>23</sup>. Está implicado um caminho desafiador em que a fé seja compreendida e assumida como um remédio de misericórdia em vista da salvação da humanidade, e não anestésico para manter oprimida a vida em abundância como quer Jesus (Jo 10,10).

### **Os pobres: um itinerário salvífico**

Por que é importante a centralidade dos pobres na fé cristã? Em primeiro lugar, porque mantém a fidelidade ao melhor da Tradição cristã e faz justiça ao Evangelho

21 SOBRINO, Jon. Fora dos pobres não há salvação. p. 133.

22 SOBRINO, Jon. Fora dos pobres não há salvação. p. 133.

23 METZ, Batista J. Mística de olhos abertos. p. 20.

de Jesus Cristo que colocou os pobres no centro do anúncio do Reino de Deus (Mt 5,3). Segundo Leonardo Boff, perguntar pelo Reino não é perguntar como está a Igreja, senão como vai o sonho de Jesus, feito de amor incondicional, de solidariedade, de compaixão, de justiça social, de abertura ao sagrado e que centralidade se confere aos oprimidos. Estes e outros valores se constituem como o conteúdo do que se chama Reino de Deus, a mensagem central de Jesus. Reino de Deus é um nome religioso, porém seu conteúdo é humanístico e universal<sup>24</sup>. Igualmente, ao se referir ao itinerário salvífico a partir da fé cristã, deve-se perguntar como estão os pobres, os prediletos de Jesus? Como estão sendo cuidados e tratados os pobres e oprimidos, as mulheres, os desempregados, os povos originários, os afrodescendentes e outros excluídos? Como estes grupos entram na prática libertadora dos cristãos? É importante enfatizar e reconhecer que na teologia latino-americana, o mais importante sempre foi a libertação dos oprimidos e não a teologia da libertação. Os processos de libertação sempre foram e precisam ser mais importantes

24 BOFF, Leonardo. La fuerza de los pequeños: la Teología de la Liberación. In: AQUINO, Francisco Júnior; CÉSPEDES, Geraldina; ORTIZ COTTE, Alejandro (org.). LA FUERZA DE LOS PEQUEÑOS. p. 170.

do que qualquer teologia. São ação que liberta, justifica e tem maior valor do que as teologias.

A teologia é sempre serva da salvação que ocorre em maior ou menor grau na itinerância histórica. Os sinais do Reino sempre são manifestações do reino de Deus em ação na história e é o que justifica e torna-se critério de julgamento para as teologias.

O Papa Francisco, como foi sendo enfatizado ao longo do texto, tem decididamente priorizado uma evangelização centrada nos pobres. O pontífice, desde a primeira hora, seja pela escolha do nome, bem como em seus discursos e mesmo em sua primeira exortação, deixou claro que desejava “uma Igreja pobre para os pobres” (EG 198). Esta perspectiva da opção pelos pobres possui um fio contínuo na história da Igreja, e com maior ou menor centralidade nunca se perdeu, o que implicaria certamente na perda do próprio Cristo. Ora, se a Igreja se desinteressasse pelos pobres, se afastaria de Jesus e como consequência perderia seu fundamento e razão de existir.

Talvez a novidade e o mais escandaloso imprimido por Francisco tem sido a perspectiva salvífica dos pobres. “Estes [pobres] têm muito para nos ensinar. Além de participar do *sensus fidei*, nas suas próprias dores conhecem Cristo sofredor. É necessário que todos nos deixemos

evangelizar por eles” (EG 198). “A Igreja não evangeliza, se não se deixa continuamente evangelizar” (EG 174) pelos pobres. “A nova evangelização é um convite a reconhecer a força salvífica das suas vidas, e a colocá-los no centro do caminho da Igreja. Somos chamados a descobrir Cristo neles: [...] a acolher a misteriosa sabedoria que Deus nos quer comunicar através deles” (EG 198).

Esta linguagem é extremamente nova inclusive para os ambientes da teologia da libertação. A teologia com o afã de responder às críticas que sempre se fizeram presentes foi impedida de tirar todas as consequências de uma evangelização centrada nos pobres, porque trazem valores para configurar a humanidade em outra direção. Por isso, o Papa Francisco abre uma porta para perceber os novos sujeitos e interlocutores da missão. Exemplo disso foi o desafio lançado aos participantes dos movimentos populares na Bolívia em 2015.

Que posso fazer eu, recolhedor de papelão, catador de lixo, limpador, reciclador, frente a tantos problemas, se mal ganho para comer? Que posso fazer eu, artesão, vendedor ambulante, carregador, trabalhador irregular, se não tenho sequer direitos laborais? Que posso fazer eu, camponesa, indígena, pescador que dificilmente consigo resistir à propagação das grandes corporações? Que posso fazer eu, a partir da minha comunidade, do

meu barraco, da minha povoação, da minha favela, quando sou diariamente discriminado e marginalizado? Que pode fazer aquele estudante, aquele jovem, aquele militante, aquele missionário que atravessa as favelas e os parapeiros com o coração cheio de sonhos, mas quase sem nenhuma solução para os seus problemas? Podem fazer muito. Vós, os mais humildes, os explorados, os pobres e excluídos, podeis e fazeis muito. Atrevo-me a dizer que o futuro da humanidade está, em grande medida, nas vossas mãos, na vossa capacidade de vos organizar e promover alternativas criativas na busca diária dos três “T” – entendido? – (trabalho, teto, terra), e também na vossa participação como protagonistas nos grandes processos de mudança, mudanças nacionais, mudanças regionais e mudanças mundiais. Não se acanhem!<sup>25</sup>

Desta citação despontam muitas questões, mas para o propósito desta reflexão consideramos três apenas. Um primeiro destaque fundamental é a perspectiva teológica das pessoas ou classes subalternas. Trata-se, portanto, da densidade teológica dos oprimidos na obra da salvação. Se a obra da salvação continua na história, os povos crucificados atualizam historicamente o processo

25 PAPA FRANCISCO. Participação ao II encontro mundial dos movimentos populares (5-13 de julho de 2015).

contra Deus enquanto visibilizam na história o corpo crucificado de Jesus<sup>26</sup>. Deste modo, a teologia latino-americana tem teologizado a realidade histórica ao encontrar e reconhecer Cristo onde ele próprio disse que estaria e poderia ser encontrado (Mt 25,31-46). O povo crucificado é, portanto, a continuidade histórica da crucificação de Cristo (Cl 1,24). Em segundo lugar, salta aos olhos a confiança de Francisco, no sentido que todos podem contribuir para melhorar a humanidade. A importância de cada pessoa, de cada profissão possui uma missão determinante e única no seio da história. “Eu sou uma missão nesta terra, e para isso estou neste mundo” (EG 273). A confiança em que de baixo vem a salvação, se constitui no terceiro aspecto a ser realçado. Os pobres podem e protagonizam uma história mais humanizada, um mundo com espírito de fraternidade e solidariedade. Estranhamente, ao menos para uma sociedade acostumada a pensar que as soluções dos problemas vêm sempre das classes dominantes, Francisco aponta para a pirâmide invertida.

Ora, o importante é perceber o espaço concedido aos novos sujeitos de carne e osso, tantas vezes desprezados e julgados como inúteis e pecadores pela sociedade.

26 SOBRINO, Jon. Cristologia desde América Latina. p. 93.

Por um lado, a história hegemônica os qualifica de pobres, insignificantes, excluídos, descartáveis, lixo humanos. Por outro lado, o testemunho de Francisco, a partir da fé cristã, continua teimosamente chamando-os: filhos de Deus, prediletos de Jesus, povo crucificado, “vítimas de uma sociedade sem coração”, “potencial de salvação”, entendendo que “perto dos pobres, perto de Deus”<sup>27</sup>.

Esta perspectiva tem importância crucial, porque se está diante da pergunta em benefício para quem se faz teologia, para quem eclesialmente se está a serviço, para quem se gasta a vida? Tem uma diferença crucial entre, por um lado, advogar em favor de um grupo oprimido ao qual nunca se pertenceu, mas com o qual se está profundamente comprometido, e, por outro lado, advogar em favor de um grupo de oprimidos ao qual se pertence em virtude de um acidente de nascimento. Embora ambos estejam envolvidos, o que esta opção significa é diferente para cada um. Existem, inclusive, pessoas pertencentes a boa parte da teologia da libertação que acabam muitíssimas vezes privilegiando mais a ideia de pobre do que as pessoas pobres. A opção pelos pobres acaba se tornando

27 ZANINI, Rogério L. Os pobres como boa notícia para a vida da Igreja: as cartas do Papa Francisco para o dia mundial dos pobres. CADERNO TEOLÓGICO. Curitiba, v. 5, n. 1, jan./jun. 2020. p. 106.

uma abstração, androcêntrica, estagnada e romântica, distante e estranha à experiência histórica das próprias pessoas pobres concretas. O constante desafio da evangelização consiste no modo de permanecer arraigados nas vidas concretas das pessoas pobres. A fidelidade ao Evangelho e a honestidade com a realidade exigem a primazia de uma opção pelos pobres que se concentre na atenção material, ou seja, na condição física dos corpos das pessoas pobres<sup>28</sup>.

Esta crítica de Nancy Pineda-Madrid não soa estranha ao próprio pensamento de Francisco quando lembra que “ninguém deveria dizer que se mantém longe dos pobres, porque as suas opções de vida implicam prestar mais atenção a outras incumbências. Esta é uma desculpa frequente nos ambientes acadêmicos, empresariais ou profissionais, e até mesmo eclesiais” (EG 201). E a razão é tão forte que “ninguém pode sentir-se exonerado da preocupação pelos pobres e pela justiça social”, e arre-mata afirmando: “A conversão espiritual, a intensidade do amor a Deus e ao próximo, o zelo pela justiça e pela

paz, o sentido evangélico dos pobres e da pobreza são exigidos a todos” (EG 201).

## Conclusão

Como as ondas agitavam aquele barco dos discípulos, os tempos são marcados por desafios enormes e o discernimento nem sempre é fácil. Para avançar no novo paradigma da Igreja em saída como propõe o Papa Francisco, a evangelização precisa vencer o medo para superar o sempre foi assim (GE 137, grifo nosso).

A Igreja em saída não é aquela simplesmente que devora quilômetros pensando que, agindo desse modo, é missionária, mas aquela que tem consciência da presença do Cristo quando se direciona para as periferias existenciais e sociais. É com os pobres e a partir deles que a Igreja encontra seu Cristo e se torna Boa Notícia, em primeiro lugar aos pobres e, depois, para a humanidade toda, na medida em que testemunha um novo estilo de vida. Este novo estilo de vida se faz presente nas bem-aventuranças, como projeto de amor aos pobres e perseguidos por causa da justiça. O projeto de felicidade, nas palavras do Bispo Pedro José Conti, significa: “avante os pobres! Porque

<sup>28</sup> PINEDA-MADRID, Nancy. Tendo em vista o Povo: Fazer teologia em nosso tempo. Concilium, n. 376 (2018/3). p. 26-27.

deles é o Reino do céu! Avante os perseguidos por causa da justiça, porque o Reino será a herança deles!”<sup>29</sup>

Os cristãos que seguem avante pelas brechas abertas por Jesus, através das bem-aventuranças, eliminam as diferentes formas de distorcer o itinerário salvífico cristão. A dificuldade espiritual da Igreja em saída da maneira como foi sendo proposta no decorrer desta reflexão ganha densidade teológica na proposta das bem-aventuranças. A fé cristã como dimensão espiritual exige e somente é credível quando incorpora a vida de carne e osso das pessoas. Em outras palavras, quanto mais for espiritual a vida de uma pessoa, mais possui densidade material. Quanto mais se eleva espiritualmente, mais deseja entrar nas dores, nas periferias, nos infernos do mundo para ser sinal da salvação. Tudo isso provoca uma mudança na compreensão da espiritualidade, do ser Igreja, da vivência do batismo, do que conta e do que é importante e determinante no seguimento a Jesus.

Uma compreensão integral da vida cristã, sem fixar-se em perspectivas dicotômicas ou enveredar por abstrações a-históricas, de imediato faz perceber que o Evan-

gelho é espiritual e, por isso, abarca a materialidade. Foi o que se buscou abordar no segundo ponto desta reflexão: o espiritual do Evangelho é material. Tomando mais uma vez as palavras de Francisco se pode observar que é justamente este descompasso na vida cristã que obstrui o entusiasmo pela missão. “Às vezes perdemos o entusiasmo pela missão, porque esquecemos que o Evangelho dá resposta às necessidades mais profundas das pessoas, porque todos fomos criados para aquilo que o Evangelho nos propõe: a amizade com Jesus e o amor fraterno” (EG 265, grifo do Papa).

Dessa forma, nada fica fora da graça de Deus dentro da compreensão cristã. Porque a salvação ou o reinado de Deus tem a ver com todas as dimensões da vida humana (pessoal, social, histórica) e com a totalidade da criação (cosmo); se realiza na história, porém, abrindo e transcendendo a história, mas além de seus limites espacial-temporal (transcendência em história).

Em toda a reflexão perpassa uma preocupação fundamental com os pobres, mas no ponto terceiro e último, sem maiores desenvolvimentos buscou-se recolocar os pobres como os novos sujeitos. De destinatários da missão para sujeitos da missão cristã e semeadores de esperança para um mundo onde caibam todos/as. Passo

<sup>29</sup> CONTI, Pedro José. Sal da terra, luz do mundo (Mt 5,13-14). Sujeitos eclesiais: sal da terra e luz do mundo: reflexões sobre o documento 105. p. 117.

fundamental na perspectiva cristã, porque se deixa de ver e manter os pobres como ‘necessários’ para fazer caridade, para perceber neles e com eles um potencial salvífico para reverter a lógica perversa proposta pelo sistema capitalista.

O itinerário salvífico dos pobres é uma forma de criticar propondo uma nova lógica, difícil certamente, mas coerente com o Evangelho e urgente para a humanidade. Muitos dirão ou podem perceber como um sonho bonito que não tem a força de mobilizar e desencadear um movimento de transformação mundial. Os que pensam desse modo, certamente podem ter sua parte de razão, mas precisam estar conscientes que agindo assim impedem muitas pessoas de cuidar do jardim de sua casa, do lixo que produz em sua cozinha, o cuidado com o espaço público... Os sonhos podem estar lá na frente, mas têm a magia evangélica de ajudar a caminhar na estrada, porque os sonhos são carregados, mas também nos carregam, como testemunhou Jesus de Nazaré e tantos cristãos e não cristãos na história.

Ora, seja a mudança que deseja ao mundo e os filhos e netos seguirão seu testemunho alegremente. Cada um fazendo a hora acontecer. Do Papa Francisco vem a profecia: “as coisas podem mudar” (LS 13). A atenção

aos sinais dos tempos, certamente, poderá abrir outras pistas para a ação. O importante é auscultar “os gemidos da irmã Terra, que se unem aos gemidos dos abandonados do mundo, como um lamento que reclama de nós outro rumo” (LS 53). Esta é a hora que compete viver a vida como uma missão, tendo os olhos fixos em Jesus de Nazaré: sempre na fidelidade ao Deus dos pobres e aos pobres da terra. “Só utopicamente e na esperança pode alguém crer e ter ânimo para tentar com todos os pobres e oprimidos do mundo reverter a história, subvertê-la e lançá-la em outra direção” (Ellacuría).

*É tarde  
mas é nossa hora.*

*É tarde  
mas é todo o tempo que temos à mão para fazer  
o futuro.*

*É tarde  
mas somos nós essa hora tardia  
É tarde  
mas é madrugada se insistimos um pouco.*

(Pedro Casaldáliga)

## REFERÊNCIAS

- BOFF, Leonardo. La fuerza de los pequeños: la Teología de la Liberación. In: AQUINO, Francisco Júnior; CÉSPEDES, Geraldina; ORTIZ COTTE, Alejandro (org.). LA FUERZA DE LOS PEQUEÑOS: Hacer teología de la liberación desde las nuevas resistencias y esperanzas. Amerindia; Montevideo – Uruguay. p. 169-172.
- BÖHNKE, Michael. O Espírito de Deus na ação humana: pneumatologia prática. São Paulo: Paulinas, 2020.
- BRIGHENTI, Agenor. Teología de la liberación. Características de una teología plural en movimiento. In: AQUINO, Francisco Júnior; CÉSPEDES, Geraldina; ORTIZ COTTE, Alejandro (org.). LA FUERZA DE LOS PEQUEÑOS: Hacer teología de la liberación desde las nuevas resistencias y esperanzas. Amerindia; Montevideo – Uruguay, 2020. p. 133-153.
- CARIAS, Celso Pinto & CRUZ CARIAS, Aurelina de Jesus. Outra teologia é possível, outra Igreja também. Petrópolis: Vozes, 2016.
- CNBB, Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil 2019-2023.
- CODINA, Victor. O Espírito do Senhor: força dos fracos. São Paulo: Paulinas, 2019.
- COMBLIN, José. Povo de Deus. 3. ed. São Paulo: Paulus, 2011.
- CONTI, Pedro José. Sal da terra, luz do mundo (Mt 5,13-14). In: Sujeitos eclesiais: sal da terra e luz do mundo: reflexões sobre o documento 105. São Paulo: Paulinas, 2017. p. 115-126.
- GALILEA, Segundo. A libertação como encontro da política e da contemplação. Concilium, n. 10 (1974/6). p. 702-713.
- GEFFRÉ, Claude. A comoção de uma teologia profética. Concilium, n. 10 (1974/6). p. 693-701.
- GUTIÉRREZ, Gustavo. A teologia latino-americana – Trajetória e perspectivas. In: BRIGHENTI, Agenor; HERMANO, Rosario (org.). Teologia da libertação em prospectiva. São Paulo. Paulinas: Paulus, 2013. p. 199-219.
- GUTIÉRREZ, Gustavo. Pobres y opción fundamental. In: ELLACURÍA, I.; SOBRINO, J. (org.). *Mysterium liberationis: conceptos fundamentales de la teología de la liberación*. San Salvador: UCA, tomo I, 1991. p. 303-321.
- GUTIÉRREZ, Gustavo. Práxis de libertação. Teologia e anúncio. Concilium, n. 10 (1974/6). p. 735-752.
- KUZMA, Cesar. Missão e identidade do Povo de Deus: uma Igreja em saída e chamada ao Reino. Concilium, n. 376 (2018/3). p. 34-42.
- LIBANIO, João, B. Concílio Vaticano II: em busca de uma primeira compreensão. São Paulo: Loyola, 2005.
- METZ, Batista J. Mística de olhos abertos. São Paulo: Paulus, 2013.
- PAPA FRANCISCO. Exortação Apostólica Evangelii Gaudium. Sobre o anúncio do Evangelho no mundo atual. São Paulo: Paulinas, 2013.

- PAPA FRANCISCO. Laudato Si'. Sobre o cuidado da casa comum. São Paulo: Paulinas, 2015.
- PAPA FRANCISCO. Exortação Apostólica Gaudete et Exsultate. Sobre o chamado à santidade no mundo atual. São Paulo: Paulinas, 2018.
- PAPA FRANCISCO. Encíclica Fratelli Tutti. Sobre a fraternidade e a amizade universal. São Paulo: Paulinas, 2020.
- PAPA PAULO VI NA ÚLTIMA SESSÃO PÚBLICA DO CONCÍLIO VATICANO II. Disponível em: <[http://www.vatican.va/content/paul-vi/pt/speeches/1965/documents/hf\\_p-vi\\_spe\\_19651207\\_epilogo-concilio.html](http://www.vatican.va/content/paul-vi/pt/speeches/1965/documents/hf_p-vi_spe_19651207_epilogo-concilio.html)>. Acesso em: 25 dez. 2020.
- PINEDA-MADRID, Nancy. Tendo em vista o Povo: Fazer teologia em nosso tempo. Concilium, n. 376 (2018/3). p. 23-33.
- SOBRINO, Jon. Fora dos pobres não há salvação. São Paulo: Paulinas, 2008.
- SOBRINO, Jon. Teología desde la realidad. In: SUSIN, Luiz Carlos (org.). O mar se abriu. Trinta anos de teologia na América Latina. São Paulo: Loyola, 2000. p. 153-170.
- SOBRINO, José. Cristología desde América Latina: esbozo a partir del seguimiento del Jesús histórico. México: Ediciones CRT, 1976.
- TRIGO, Pedro. La densidad teológica de los procesos sociales. In: AQUINO, Francisco Júnior; CÉSPEDES, Geraldina; ORTIZ COTTE, Alejandro (org.). LA FUERZA DE LOS PEQUEÑOS: Hacer teología de la liberación desde las nuevas resistencias y esperanzas. Amerindia; Montevideo – Uruguay, 2020. p. 39-70.
- V CONFERÊNCIA GERAL DO EPISCOPADO LATINO-AMERICANO E DO CARIBE, Aparecida. Documento de Conclusão (29 de junho de 2007), São Paulo, 2007.
- ZANINI, Rogério L. Os pobres como boa notícia para a vida da Igreja: as cartas do Papa Francisco para o dia mundial dos pobres. Caderno Teológico. Curitiba, v. 5, n. 1, jan./jun. 2020. p. 96-107.



**Rogério L. Zanini.** Doutor em Teologia (Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, PUCRS, Porto Alegre, RS, 2020). Autor da tese “Fora dos pobres não há salvação: Tópico fundamental de soteriologia em Jon Sobrino”. Mestre em Teologia (Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, PUCRS, 2012). Especialização em Metodologia Pastoral (Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões, URI, 2009). Graduado em Teologia (Instituto de Teologia e Pastoral, ITEPA, Passo Fundo, RS, 2004). Graduado em História (Universidade do Oeste de Santa Catarina, UNOESC, Chapecó, SC, 2000). Atualmente, integra a direção do Itepa Faculdades e atua como padre no município de Passo Fundo, Rio Grande do Sul. E-mail: zanini-pastoral@hotmail.com

## Cadernos Teologia Pública

N. 1 Hermenêutica da tradição cristã no limiar do século XXI – Johan Konings, SJ

N. 2 Teologia e Espiritualidade. Uma leitura Teológico-Espiritual a partir da Realidade do Movimento Ecológico e Feminista – Maria Clara Bingemer

N. 3 A Teologia e a Origem da Universidade – Martin N. Dreher

N. 4 No Quarentenário da Lumen Gentium – Frei Boaventura Kloppenburg, OFM

N. 5 Conceito e Missão da Teologia em Karl Rahner – Érico João Hammes

N. 6 Teologia e Diálogo Inter-Religioso – Cleusa Maria Andreatta

N. 7 Transformações recentes e perspectivas de futuro para a ética teológica – José Roque Junges, SJ

N. 8 Teologia e literatura: profetismo secular em “Vidas Secas”, de Graciliano Ramos – Carlos Ribeiro Caldas Filho

N. 9 Diálogo inter-religioso: Dos “cristãos anônimos” às teologias das religiões – Rudolf Eduard von Sinner

N. 10 O Deus de todos os nomes e o diálogo inter-religioso – Michael Amaladoss, SJ

N. 11 A teologia em situação de pós-modernidade – Geraldo Luiz De Mori, SJ

N. 12 Teologia e Comunicação: reflexões sobre o tema – Pedro Gilberto Gomes, SJ

N. 13 Teologia e Ciências Sociais – Orivaldo Pimentel Lopes Júnior

N. 14 Teologia e Bioética – Santiago Roldán García

N. 15 Fundamentação Teológica dos Direitos Humanos – David Eduardo Lara Corredor

N. 16 Contextualização do Concílio Vaticano II e seu desenvolvimento – João Batista Libânio, SJ

N. 17 Por uma Nova Razão Teológica. A Teologia na Pós-Modernidade – Paulo Sérgio Lopes Gonçalves

N. 18 Do ter missões ao ser missionário – Contexto e texto do Decreto Ad Gentes revisitado 40 anos depois do Vaticano II – Paulo Suess

N. 19 A teologia na universidade do século XXI segundo Wolfhart Pannenberg – 1ª parte – Manfred Zeuch

N. 20 A teologia na universidade do século XXI segundo Wolfhart Pannenberg – 2ª parte – Manfred Zeuch

N. 21 Bento XVI e Hans Küng. Contexto e perspectivas do encontro em Castel Gandolfo – Karl-Josef Kuschel

N. 22 Terra habitável: um desafio para a teologia e a espiritualidade cristãs – Jacques Arnould

N. 23 Da possibilidade de morte da Terra à afirmação da vida. A teologia ecológica de Jürgen Moltmann – Paulo Sérgio Lopes Gonçalves

N. 24 O estudo teológico da religião: Uma aproximação hermenêutica – Walter Ferreira Salles

N. 25 A historicidade da revelação e a sacramentalidade do mundo – o legado do Vaticano II – Frei Sinivaldo S. Tavares, OFM

N. 26 Um olhar Teopoético: Teologia e cinema em O Sacrifício, de Andrei Tarkovski – Joe Marçal Gonçalves dos Santos

N. 27 Música e Teologia em Johann Sebastian Bach – Christoph Theobald

N. 28 Fundamentação atual dos direitos humanos entre judeus, cristãos e muçulmanos: análises comparativas entre as religiões e problemas – Karl-Josef Kuschel

N. 29 Na fragilidade de Deus a esperança das vítimas. Um estudo da cristologia de Jon Sobrino – Ana María Formoso

N. 30 Espiritualidade e respeito à diversidade – Juan José Tamayo-Acosta

N. 31 A moral após o individualismo: a anarquia dos valores – Paul Valadier

N. 32 Ética, alteridade e transcendência – Nilo Ribeiro Junior

N. 33 Religiões mundiais e Ethos Mundial – Hans Küng

N. 34 O Deus vivo nas vozes das mulheres – Elisabeth A. Johnson

N. 35 Posição pós-metafísica & inteligência da fé: apontamentos para uma outra estética teológica – Victor Hugo Mendes

N. 36 Conferência Episcopal de Medellín: 40 anos depois – Joseph Comblin

N. 37 Nas pegadas de Medellín: as opções de Puebla – João Batista Libânio

- N. 38 O cristianismo mundial e a missão cristã são compatíveis?: insights ou percepções das Igrejas asiáticas – Peter C. Phan
- N. 39 Caminhar descalço sobre pedras: uma releitura da Conferência de Santo Domingo – Paulo Suess
- N. 40 Conferência de Aparecida: caminhos e perspectivas da Igreja Latino-Americana e Caribenha – Benedito Ferraro
- N. 41 Espiritualidade cristã na pós-modernidade – Ildo Perondi
- N. 42 Contribuições da Espiritualidade Franciscana no cuidado com a vida humana e o planeta – Ildo Perondi
- N. 43 A Cristologia das Conferências do Celam – Vanildo Luiz Zugno
- N. 44 A origem da vida – Hans Küng
- N. 45 Narrar a Ressurreição na pós-modernidade. Um estudo do pensamento de Andrés Torres Queiruga – Maria Cristina Giani
- N. 46 Ciência e Espiritualidade – Jean-Michel Maldamé
- N. 47 Marcos e perspectivas de uma Catequese Latino-americana – Antônio Cechin
- N. 48 Ética global para o século XXI: o olhar de Hans Küng e Leonardo Boff – Águeda Bichels
- N. 49 Os relatos do Natal no Alcorão (Sura 19,1-38; 3,35-49): Possibilidades e limites de um diálogo entre cristãos e muçulmanos – Karl-Josef Kuschel
- N. 50 “Íte, missa est!”: A Eucaristia como compromisso para a missão – Cesare Giraud, SJ
- N. 51 O Deus vivo em perspectiva cósmica – Elizabeth A. Johnson
- N. 52 Eucaristia e Ecologia – Denis Edwards
- N. 53 Escatologia, militância e universalidade: Leituras políticas de São Paulo hoje – José A. Zamora
- N. 54 Mater et Magistra – 50 Anos – Entrevista com o Prof. Dr. José Oscar Beozzo
- N. 55 São Paulo contra as mulheres? Afirmação e declínio da mulher cristã no século I – Daniel Marguerat
- N. 56 Igreja Introvertida: Dossiê sobre o Motu Proprio “Summorum Pontificum” – Andrea Grillo
- N. 57 Perdendo e encontrando a Criação na tradição cristã – Elizabeth A. Johnson
- N. 58 As narrativas de Deus numa sociedade pós-metafísica: O cristianismo como estilo – Christoph Theobald

N. 59 Deus e a criação em uma era científica – William R. Stoeger

N. 60 Razão e fé em tempos de pós-modernidade – Franklin Leopoldo e Silva

N. 61 Narrar Deus: Meu caminho como teólogo com a literatura – Karl-Josef Kuschel

N. 62 Wittgenstein e a religião: A crença religiosa e o milagre entre fé e superstição – Luigi Perissinotto

N. 63 A crise na narração cristã de Deus e o encontro de religiões em um mundo pós-metafísico – Felix Wilfred

N. 64 Narrar Deus a partir da cosmologia contemporânea – François Euvé

N. 65 O Livro de Deus na obra de Dante: Uma releitura na Baixa Modernidade – Marco Lucchesi

N. 66 Discurso feminista sobre o divino em um mundo pós-moderno – Mary E. Hunt

N. 67 Silêncio do deserto, silêncio de Deus – Alexander Nava

N. 68 Narrar Deus nos dias de hoje: possibilidades e limites – Jean-Louis Schlegel

N. 69 (Im)possibilidades de narrar Deus hoje: uma reflexão a partir da teologia atual – Degislando Nóbrega de Lima

N. 70 Deus digital, religiosidade online, fiel conectado: Estudos sobre religião e internet – Moisés Sbardelotto

N. 71 Rumo a uma nova configuração eclesial – Mario de França Miranda

N. 72 Crise da racionalidade, crise da religião – Paul Valadier

N. 73 O Mistério da Igreja na era das mídias digitais – Antonio Spadaro

N. 74 O seguimento de Cristo numa era científica – Roger Haight

N. 75 O pluralismo religioso e a igreja como mistério: A eclesiologia na perspectiva inter-religiosa – Peter C. Phan

N. 76 50 anos depois do Concílio Vaticano II: indicações para a semântica religiosa do futuro – José Maria Vigil

N. 77 As grandes intuições de futuro do Concílio Vaticano II: a favor de uma “gramática gerativa” das relações entre Evangelho, sociedade e Igreja – Christoph Theobald

- N. 78 As implicações da evolução científica para a semântica da fé cristã – George V. Coyne
- N. 79 Papa Francisco no Brasil – alguns olhares
- N. 80 A fraternidade nas narrativas do Gênesis: Dificuldades e possibilidades – André Wénin
- N. 81 Há 50 anos houve um concílio...: significado do Vaticano II – Victor Codina
- N. 82 O lugar da mulher nos escritos de Paulo – Eduardo de la Serna
- N. 83 A Providência dos Profetas: uma Leitura da Doutrina da Ação Divina na Bíblia Hebraica a partir de Abraham Joshua Heschel – Élcio Verçosa Filho
- N. 84 O desencantamento da experiência religiosa contemporânea em House: “creia no que quiser, mas não seja idiota” – Renato Ferreira Machado
- N. 85 Interpretações polissêmicas: um balanço sobre a Teologia da Libertação na produção acadêmica – Alexandra Lima da Silva & Rhaisa Marques Botelho Lobo
- N. 86 Diálogo inter-religioso: 50 anos após o Vaticano II – Peter C. Phan
- N. 87 O feminino no Gênesis: A partir de Gn 2,18-25 – André Wénin
- N. 88 Política e perversão: Paulo segundo Žižek – Adam Kotsko
- N. 89 O grito de Jesus na cruz e o silêncio de Deus. Reflexões teológicas a partir de Marcos 15,33-39 – Francine Bigaouette, Alexander Nava e Carlos Arthur Dreher
- N. 90 A espiritualidade humanística do Vaticano II: Uma redefinição do que um concílio deveria fazer – John W. O’Malley
- N. 91 Religiões brasileiras no exterior e missão reversa – Vol. 1 – Alberto Groisman, Alejandro Frigerio, Brenda Carranza, Carmen Sílvia Rial, Cristina Rocha, Manuel A. Vásquez e Ushi Arakaki
- N. 92 A revelação da “morte de Deus” e a teologia materialista de Slavoj Žižek – Adam Kotsko
- N. 93 O êxito das teologias da libertação e as teologias americanas contemporâneas – José Oscar Beozzo
- N. 94 Vaticano II: a crise, a resolução, o fator Francisco – John O’Malley
- N. 95 “Gaudium et Spes” 50 anos depois: seu sentido para uma Igreja aprendente – Massimo Faggioli
- N. 96 As potencialidades de futuro da Constituição Pastoral

N. 97 500 Anos da Reforma: Luteranismo e Cultura nas Américas – Vítor Westhelle

N. 98 O Concílio Vaticano II e o aggiornamento da Igreja – No centro da experiência: a liturgia, uma leitura contextual da Escritura e o diálogo – Gilles Routhier

N. 99 Pensar o humano em diálogo crítico com a Constituição *Gaudium et Spes* – Geraldo Luiz De Mori

N. 100 O Vaticano II e a Escatologia Cristã: Ensaio a partir de leitura teológico-pastoral da *Gaudium et Spes* – Afonso Murad

N. 101 Concílio Vaticano II: o diálogo na Igreja e a Igreja do Diálogo – Elias Wolff

N. 102 A Constituição Dogmática *Dei Verbum* e o Concílio Vaticano II – Flávio Martinez de Oliveira

N. 103 O pacto das catacumbas e a Igreja dos pobres hoje! – Emerson Sbardelotti Tavares

N. 104 A exortação apostólica *Evangelii Gaudium*: Esboço de uma interpretação original do Concílio Vaticano II – Christoph Theobald

N. 105 Misericórdia, Amor, Bondade: A Misericórdia que Deus quer – Ney Brasil Pereira

N. 106 Eclesialidade, Novas Comunidades e Concílio Vaticano II: As Novas Comunidades como uma

forma de autorrealização da Igreja – Rejane Maria Dias de Castro Bins

N. 107 O Vaticano II e a inserção de categorias históricas na teologia – Antonio Manzatto

N. 108 Morte como descanso eterno – Luís Inácio João Stadelmann

N. 109 Cuidado da Criação e Justiça Ecológica-Climática. Uma perspectiva teológica e ecumênica – Guillermo Kerber

N. 110 A Encíclica *Laudato Si'* e os animais - Gilmar Zampieri

N. 111 O vínculo conjugal na sociedade aberta. Repensamentos à luz de *Dignitatis Humanae* e *Amoris Laetitia* – Andrea Grillo

N. 112 O ensino social da Igreja segundo o Papa Francisco – Christoph Theobald

N. 113 Lutero, Justiça Social e Poder Político: Aproximações teológicas a partir de alguns de seus escritos – Roberto E. Zwetsch

N. 114 *Laudato Si'*, o pensamento de Morin e a complexidade da realidade – Giuseppe Fumarco

N. 115 A condição paradoxal do perdão e da misericórdia. Desdobramentos éticos e implicações políticas – Castor Bartolomé Ruiz

N. 116 A Igreja em um contexto de “Reforma digital”: rumo a um *sensus fidelium digitalis*? Moisés Sbardelotto

N. 117 *Laudato Si’* e os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável: uma convergência? – Gaël Giraud e Philippe Orliange

N. 118 Misericórdia, Compaixão e Amor: O rosto de Deus no Evangelho de Lucas – Ildo Perondi e Fabrizio Zandonadi Catenassi

N. 119 A constituição da Dignidade Humana: aportes para uma discussão pós-metafísica – Thyeles Morratti Precilio Borcarte Strelhow

N. 120 Renovação do espaço público: pentecostalismo e missão em perspectiva política – Amos Yong

N. 121 Viver as Bem-aventuranças numa Igreja em saída – Tea Frigerio

N. 122 Ser e Agir, o Reino e a Glória: a Oikonomia Trinitária e a bipolaridade da máquina governamental – Colby Dickinson

N. 123 A sensibilidade religiosa de Thoreau – Edward F. Mooney

N. 124 Diáconas na Igreja Maronita – Phyllis Zagano

N. 125 Comportamentos normatizados e a noção de profanação: uma reflexão em Giorgio Agamben – Claudio de Oliveira Ribeiro

N. 126 Teologalidade das resistências e lutas populares – Francisco de Aquino Júnior

N. 127 A glória como arcano central do poder e os vínculos entre oikonomia, governo e gestão – Colby Dickinson

N. 128 O Princípio Pluralista – Claudio de Oliveira Ribeiro

N. 129 Deus e o Diabo na política: compaixão e vocação profética – Ivone Gebara

N. 130 Deslocamentos genealógicos da economia teológica segundo Agamben – Joel Decothé Junior

N. 131 A Heterodoxia do Pseudo-Dionísio: hierarquia e burocracia na Teologia Medieval – Gerson Leite de Moraes e Daniel Nagao Menezes

N. 132 O pensamento de Jorge Mario Bergoglio. Os desafios da Igreja no mundo contemporâneos – Massimo Borghesi

N. 133 Os documentos eclesiais pós-sinodais “*Familiaris Consortio*” de Wojtyła e “*Amoris Laetitia*” de Bergoglio como respostas aos desafios da pastoral matrimonial – José Roque Junges

- N. 134 A universalidade e o (não) lugar político da Igreja no mundo de hoje. A eclesiologia da globalização de Francisco – Massimo Faggioli
- N. 135 A ética social do Papa Francisco: O Evangelho da misericórdia segundo o espírito de discernimento – Juan Carlos Scannone S.I.
- N. 136 Amoris Laetitia: aspectos antropológicos e metodológicos e suas implicações para a teologia moral – Todd A. Salzman e Michael G. Lawler
- N. 137 A Teologia da Missão à luz da Exortação Apostólica Evangelii gaudium – Paulo Suess
- N. 138 O pontificado de Francisco e o laicato na missão da Igreja hoje. Avanços e impasses da “parrésia eclesial” – Andrea Grillo
- N. 139 A Opção de Francisco: como evangelizar um mundo em mudança? – Austen Ivereigh
- N. 140 A liturgia, 50 anos depois do Concílio Vaticano II: marcos, desafios, perspectivas – Andrea Grillo
- N. 141 Franciscus non cantat: Um discurso, alguns percursos e ressonâncias acerca da música litúrgica pós-conciliar – Márcio Antônio de Almeida
- N. 142 Para além do limiar do Templo: apontamentos éticos para uma pastoral em modo on-line – Thiago Isaias Nóbrega de Lucena e José Joanees Souza Oliveira
- N. 143 A Conversão de Agostinho de Hipona, interpretada em reflexões sobre a expressão *Intellige Ut Credas* – Orlando Polidoro Junior
- N. 144 Teologia Pública e Práxis Pastoral: considerações em vista de uma Pastoral Pública - Luis Carlos Dalla Rosa
- N. 145 O debate sobre o princípio pluralista: um balanço das reflexões sobre o princípio pluralista e suas aplicações - Claudio de Oliveira Ribeiro
- N. 146 Juventudes e vivência ecumênica - Rosemary Fernandes da Costa
- N. 147 Igreja e evangelização: provocações da pandemia. Parte I - O fim de um mundo? - Geraldo De Mori, Lucimara Trevizan e Edward Guimarães
- N. 148 Igreja e evangelização: provocações da pandemia. Parte II - As dores do parto - Geraldo De Mori, Lucimara Trevizan e Edward Guimarães
- N. 149 Igreja e evangelização: provocações da pandemia. Parte III - Vinho novo, odres novos - Geraldo De Mori, Lucimara Trevizan e Edward Guimarães

N. 150 O Papa Francisco, a Igreja e a ética teológica. Alguma coisa mudou? - Michael G. Lawler e Todd A. Salzman

